

4.3. O LUGAR

4.3.1. SINAGOGAS DA DIÁSPORA

A sinagoga é um espaço surgido na diáspora. A partir desta situação, estruturou sua relação conceitual com o território através da negação, desconfiança e resignação frente a um ambiente muitas vezes hostil, ou mesmo provisório.

O atual espaço judaico de liturgia nasceu como um substituto temporário do Templo de Jerusalém e consolidou-se no exílio, condição que marcou o judaísmo e o desenvolvimento de sua cultura ao longo dos últimos dois mil e seiscentos anos. Instalados na Palestina desde o ano 1000 AEC, a partir do século VI AEC os hebreus viveram expulsões alternadas de Canaã, deixada definitivamente em 70 EC até a criação do Estado de Israel, em 1948.

Destruído o Templo, modificado o mundo judaico e sua liturgia, os sacrifícios deram lugar à reunião, à prece e ao estudo como motivadores de um processo que visa até hoje perpetuar as tradições, ao tempo que promove a renovação de valores religiosos.

Ao revisar a relação histórica estabelecida entre as sinagogas e suas respectivas envolventes, vemos um amplo repertório de soluções. Muitas vezes, os *Bet Ha Knesset* não configuravam sequer a presença de um edifício, caracterizados apenas por serem um espaço adaptado, o canto de um apartamento, o porão de uma casa. A relação entre a sinagoga e o contexto era praticamente inexistente. Na maioria das vezes, a implantação do *shul* demandava privacidade e proteção e, se não escondidas, as sinagogas estavam normalmente situadas longe da testada do lote, menos devassadas.

Tal realidade retirou do *topos* os valores básicos da liturgia judaica. A *Torah*, a lei nômade, e o serviço, a congregação, observantes do quarto mandamento, "Santifica o dia de sábado", estruturam o ciclo anual de comemorações, rituais e o

real significado da sinagoga. No fundo, bastam uma Arca Sagrada, um rolo de *Torah* e dez judeus para transformar qualquer lugar em uma sinagoga.

Bruno Zevi traz num artigo chamado "O judaísmo e a concepção espaço-temporal da arte" algumas citações do teólogo alemão Abraham Heschel (1907-1972), dentre elas sua célebre afirmação de que "Os sábados são nossas grandes catedrais" (ZEVI apud HESCHEL, 2002, p. 9). Completa ainda que:

"O ritual judaico pode ser qualificado como a arte das formas significativas no tempo, como 'arquitetura do tempo'[...] A essência do sábado é absolutamente desvinculada do espaço. Durante os seis dias da semana vivemos sob a tirania das coisas do espaço, o sábado nos coloca em sintonia com a santidade do tempo" (ZEVI apud HESCHEL, 2002, p. 9).

Zevi complementa este raciocínio ao reiterar o caráter "antiestático e antiespacial" da história judaica, expresso através do exílio e do nomadismo. Algo que, a rigor, vai de encontro à conotação de permanência transmitida pela construção de uma sinagoga, ou mesmo pela adaptação e vivência de uma comunidade em determinado lugar, criando novas raízes.

Apesar disso, interessa-nos ao longo da dissertação e neste capítulo, compreender o que teria mudado após o Holocausto na maneira como esta sinagoga "antiespacial" tem materializado uma nova relação com o território do exílio, buscando ou não o desenvolvimento de uma identidade judaica simbólica através deste componente essencialmente topológico.

É curioso também observar estratégias de contextualização das novas sinagogas construídas em Israel. O retorno a Jerusalém e à Terra Santa após dois mil anos rendeu e ainda renderá reflexões interessantes acerca da maneira com que as sinagogas contribuirão a esta "reconquista", ainda hoje envolvida na violência que marca o controle pela terra no Oriente Médio.

Apesar de heterogêneas entre si, as tipologias de sinagoga sempre estiveram caracterizadas pela presença de um vestíbulo mediando a relação entre a sinagoga e o espaço exterior. O vestíbulo é o local de purificação, lavagem das mãos (*netilat iadaim*) e de concentração espiritual que precede a entrada na Sinagoga. É também um ponto de encontro, na entrada e saída do serviço religioso, ampliando as possibilidades congregacionais da sinagoga que, ao longo da história, foram constrangidas pela dimensão e posição discriminada dentro do gueto.

Raramente uma sinagoga estava na parte mais importante da cidade, ou mesmo claramente aberta para ela, algo que só é modificado no século XIX, com a emancipação civil dos judeus. Este período está marcado por uma relação mais franca das sinagogas com o tecido urbano através de grandes fachadas voltadas para rua, algo praticamente inexistente até então. As primeiras sinagogas modernistas também se aproveitam deste momento de liberdade, perpetuando a construção de prédios mais abertos para a rua. Surgem grandes escadarias, pequenas praças à frente da fachada principal e outros artifícios que mudaram a implantação da sinagoga na cidade. Já a partir de 1933, no entanto, a ascensão do Partido Nazista deu um duro golpe à modernização da sinagoga dentro do território em que se fazia mais forte.

No pós-guerra, no momento de recuperação da liberdade retirada pelo regime nazista, o fenômeno observado é de amplificação do clamor pela reunião comunitária e do papel espiritual da sinagoga. Principalmente nos Estados Unidos, o modernismo e o espírito de renovação das congregações abriram novos caminhos que mudaram a relação entre os judeus e seu espaço de reunião, mais uma vez.

Ao mesmo tempo em que novas migrações provocadas pela Segunda Guerra consolidam o papel da *Torah* como elemento fundamental da religião e sua liturgia "móvel", a sinagoga materializada também ganhou energia, fortalecida pela sua capacidade de congregar, reunir.

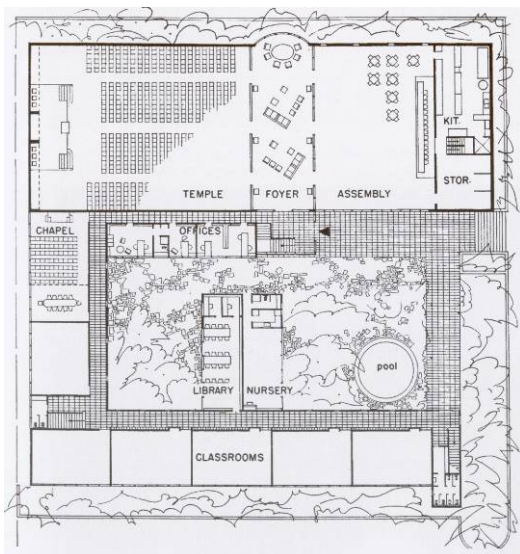
Este entendimento fez com que o vestíbulo simples se ampliasse do ponto de vista funcional, como dito no início deste capítulo, transfigurando-se num novo e extenso programa de centro comunitário. Construir uma sinagoga deixou de ser o ato de erigir apenas o espaço religioso. A partir da década de 50, a idéia do centro

comunitário nunca mais se perdeu, sendo difícil encontrarmos até os dias atuais novas sinagogas da diáspora que não estejam acompanhadas de um rico programa funcional específico, seja nos EUA, América Latina ou Europa. Salas de aula e reunião, espaços culinários, auditórios e teatros, dentre outros, circundam e complementam o edifício litúrgico.

Este aspecto pode ser observado mais uma vez no pioneirismo do projeto de Erich Mendelsohn para a congregação B'nai Amoona em St. Louis, como coloca Kathleen James-Chakraborty:

Entre as guerras, congregações judaicas Conservadoras como B'nai Amoona depositaram grande importância na provisão de escolas e pontos de encontro. Depois de 1945, este tipo de arranjo tornou-se ainda mais comum, à medida que a sinagoga assumia cada vez mais o papel de promover uma específica identidade judaica para determinadas comunidades, colocadas entre a recente destruição do judaísmo europeu e sua própria assimilação e crescimento econômico. Muitos judeus que não freqüentavam serviços religiosos na cidade antes de migrarem para os subúrbios agora se juntavam a congregações no sentido de reconstruir sua identidade judaica em um sentido religioso[...]. B'nai Amoona proveu o paradigma para a mistura entre estilo inovador e funções especiais que caracterizariam a nova sinagoga suburbana" (JAMES-CHAKRABORTY, 2000, p. 43 – trad. nossa).

Esta "nova sinagoga suburbana" estabeleceu junto ao contexto construído uma relação mais transparente, algo perseguido por Mendelsohn em suas quatro obras, contribuindo para isto a mediação que os pátios descobertos e galerias desenhadas pelo arquiteto estabeleciam com a rua e os limites do lote. A sinagoga destacava-se enquanto volume principal, junto a um edifício mais extenso e de proporções horizontais, traduzindo formalmente seu papel de núcleo da congregação. Neste caso, a tipologia programática adotada e as referências simbólicas definem a resposta formal do edifício e a relação entre a sinagoga e sua envolvente.



Sinagoga B'nai Amoona, St. Louis, Missouri, EUA, 1950 – Erich Mendelsohn. Planta mostrando a relação da sinagoga com um novo programa comunitário típico do Pós-Guerra nos Estados Unidos, além do pátio que mediava as relações internas e externas entre sinagoga, centro comunitário e cidade. Fonte: JAMES-CHAKRABORTY, 2000, p. 40 e <http://www.bluffton.edu/~sullivanm/missouri/stlouis/temple/mendelsohn.html>

Dessa forma, a sinagoga suburbana americana implantada fora dos grandes centros é responsável por algumas mudanças interessantes. Ela consolida finalmente uma relação mais franca entre arquitetura e contexto, enfatizando a conformação do espaço judaico através de um volume independente, que pode ser apreciado a partir de vários ângulos e perspectivas, liberado dos constrangimentos e limites do tecido urbano mais denso. A sinagoga, propriamente dita, fica mais ligada a seu uso religioso, deixando a função de congregação e estudo mais presente no centro comunitário. Isto influenciará no seu entendimento como núcleo do complexo, o que gerou maior destaque deste trecho da construção dentro do sítio. A presença destes exemplares em terrenos menos urbanizados também deu oportunidade ao desenvolvimento de edifícios que procuraram vivenciar a experiência do divino através da relação com o contexto natural.

O pós-guerra, assim, solidifica e desenvolve o processo iniciado durante o Reformismo, ressaltando a importância da sinagoga. Algo que se manifesta através de uma presença mais marcante, de um objeto tridimensional forte, ao invés de apenas um recinto menos destacado.

Grande parte dos exemplos americanos citados durante a dissertação é representante deste pensamento. Além de presente nas obras de Mendelsohn, ele também é uma característica dos projetos de Percival Goodman, Phillip Johnson, Walter Gropius, Frank Lloyd Wright e Louis Kahn.

As novas sinagogas alemãs são exemplos de perpetuação da tradição do centro comunitário americano do pós-guerra. Em Munique, o programa foi decomposto em três diferentes volumes (sinagoga, museu e centro comunitário) que juntos conformam uma nova praça, um novo espaço para a cidade. Na Sinagoga de Dresden, o *shul* é colocado defronte ao centro comunitário, diferentes entre si na transparência para o exterior, uma vez que a sinagoga é muito mais opaca que o centro comunitário.



Nova Sinagoga de Dresden, Alemanha, 1996 – Wandel, Hoefler, Lorch e Hirsh À direita a sinagoga, propriamente dita e à esquerda o centro comunitário.



Nova Sinagoga de Munique, Alemanha, 2006 - Wandel, Hoefler, Lorch A sinagoga, vista ao centro da foto, junto do Museu Judaico e do Centro Comunitário, que juntos conformam a nova Jakobs Platz.

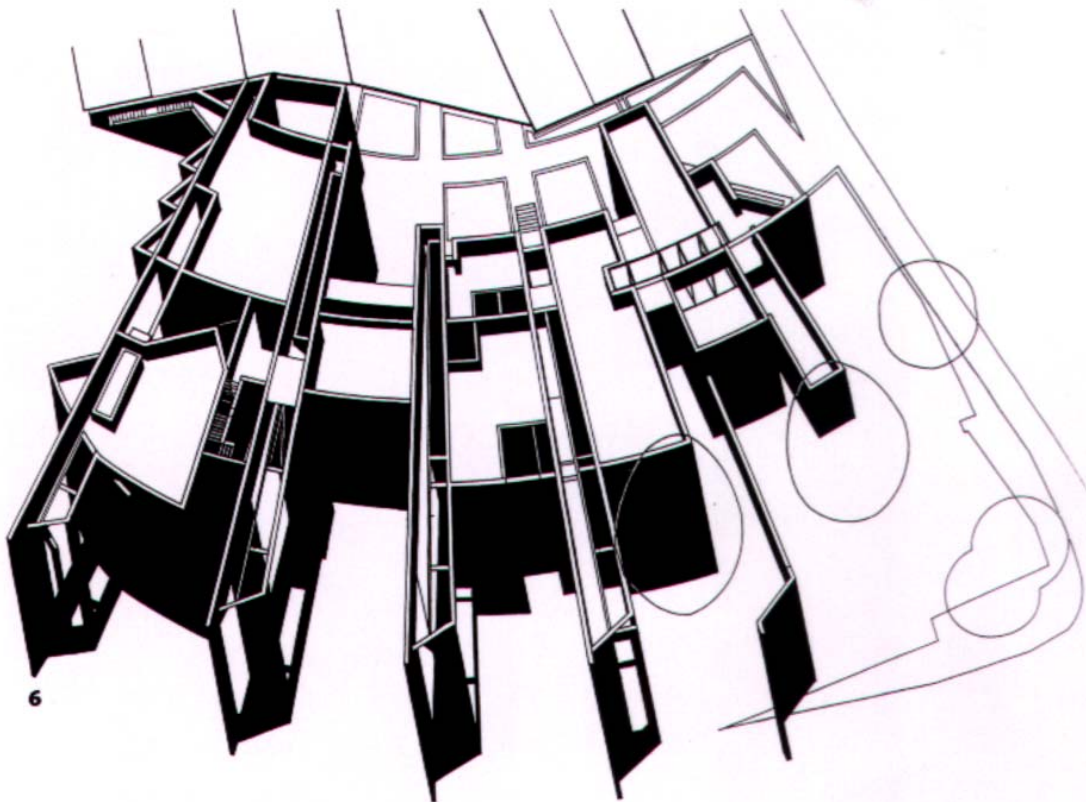


Sinagoga de Dresden, Alemanha, 1996 – Wandel, Hofer, Lorch e Hirsh. Vista da fachada principal do centro comunitário. Fonte: SACHS; VOOLEN, 2005, p.129.

No projeto para o Centro Comunitário de Duisburg (Alemanha - 1999), o arquiteto polonês-israelense Zvi Hecker inverteu a hierarquia normalmente estabelecida entre sinagoga e centro comunitário. Aqui, Hecker construiu um edifício composto por volumes estreitos e radiais, cortados pela sinagoga que tem menor destaque dentro do conjunto.



Sinagoga e Centro Comunitário de Duisburg, Alemanha, 1999 – Zvi Hecker. A sinagoga corresponde ao volume pintado em preto, misturando-se ao centro comunitário, maior e mais imponente. Fonte: SACHS; VOOLEN, 2005, p. 120.



Sinagoga e Centro Comunitário de Duisburg, Alemanha, 1999 – Zvi Hecker. Fonte: SACHS;VOOLEN, 2005, p. 120.



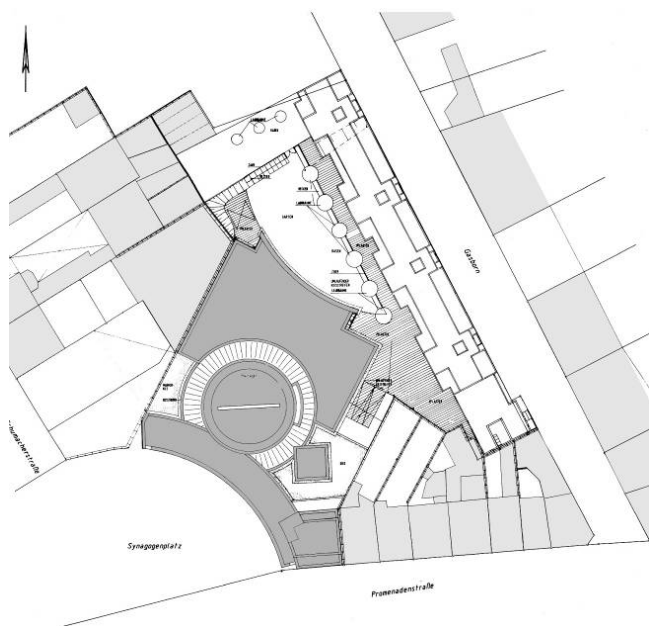
Sinagoga e Centro Comunitário de Duisburg, Alemanha, 1999 – Zvi Hecker. Acima: sinagoga vista do exterior (volume de cor preta). Abaixo: interior da sinagoga. Fonte: RICHARDSON, 2004, p. 50 | SACHS; VOOLEN, 2005, p. 120.



As seis sinagogas construídas na Alemanha pelo arquiteto Alfred Jacoby nos últimos vinte anos também possuem pequenos centros comunitários, compostos por auditórios e salas de aula, aumentando o grupo de edifícios que vem construindo uma nova relação menos “antiespacial” entre sinagoga e o meio na qual se insere. Muitas vezes, a presença do centro comunitário é inclusive meio de trocas culturais com a população não judaica, através da organização de eventos abertos ao público.

Uma característica importante dos complexos recém construídos na Alemanha é a sua capacidade de propor novas relações entre a sinagoga e o meio urbano, algo inédito na Europa desde o século XIX. Os projetos buscam soluções que sejam capazes de construir um novo significado para o lugar, o *topos*, para a arquitetura de identidade judaica na diáspora.

Em certos casos, a implantação da sinagoga ajuda inclusive a recompor o desenho e o perímetro de praças existentes, fazendo do espaço urbano também um ponto de reunião para a comunidade, como é o exemplo da sinagoga projetada em Munique por Wandel, Lorsh e Hirsh, e do edifício desenhado por Alfred Jacoby em Aachen.



Sinagoga de Aachen, Alemanha, 1995 – Alfred Jacoby. O volume da sinagoga recompõe o desenho circular da praça, que ganhou o nome do Centro Comunitário Judaico. Fonte: Expo “Em Um Novo Espírito”.

O tema da relação entre sinagoga e centro comunitário suscitou também o aparecimento de outros tipos de solução.



Sinagoga do Centro Bait, São Paulo, SP, 2005 – Michel Gorski.

Nos centros urbanos mais densos, é possível identificar edifícios que, ao contrário das implantações americanas do pós-guerra, integram num só volume construído o espaço de culto e o centro comunitário. Através de uma implantação verticalizada, estes prédios vencem o desafio de construir num terreno exíguo tanto a sinagoga como os espaços de convívio e reunião - um programa que chega a demandar mais de dois mil metros quadrados - em lotes de

setecentos metros quadrados de área, como é o exemplo do Centro Bait em Higienópolis, bairro em área nobre de São Paulo (Michel Gorski – 2005 – REVISTA AU, nº144, mar/2006). Casos como o da Sinagoga da Comunidade Shalom, de Marcelo Ferraz e Francisco Fannuci e o da Sinagoga Bait Jadash, em Montevidéu, têm características similares. Vale observar que isto não é algo exatamente novo, uma vez que o edifício sede da Sociedade Israelita da Bahia já apresenta, desde mil novecentos e cinqüenta, uma configuração similar. É fato, no entanto, que a valorização dos terrenos nas grandes cidades tem influenciado no tipo de construção realizada.

Nos dois casos paulistanos, chama atenção o desejo inicial dos arquitetos de estabelecer uma relação franca e complementar entre o edifício e a cidade, como no caso dos edifícios europeus mais recentes. Apesar disso, em países aonde o problema da segurança vai além do anti-semitismo, como no Brasil, os arquitetos tem esbarrado na busca das comunidades pela tranqüillidade, capaz de criar imensas muralhas que rompem a relação entre o contexto urbano e os edifícios projetados. Esta realidade aproxima de maneira curiosa estas novas construções daquelas erigidas na Europa entre os séculos XV e XVIII, onde as perseguições eram violentas e motivavam uma implantação protegida. No caso do Centro Bait, é

possível ainda ver no website da congregação⁴² a perspectiva do projeto original do arquiteto Michel Gorski, aberta para a rua, em oposição ao efetivamente executado. Em entrevista concedida em julho de 2007, o arquiteto Marcelo Ferraz também falou sobre a presença de discussões sobre o mesmo tema, no âmbito do desenvolvimento de seu trabalho para a Comunidade Shalom.



Sinagoga Shalom, São Paulo, SP, 2007 (projeto) – Brasil Arquitetura. A proposta original contempla acesso livre ao edifício.

⁴² www.bait.org.br



Sinagoga Bait Jadash, Montevidéu, Uruguai, 2006 (projeto) - Mario Blechman, Javier Olascoaga e Andrés Souto.
Fonte: <http://www.nciuruguay.org/baitjadash/>

Este é igualmente o caso da Sinagoga da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro (ARI), projeto original de Henrique Mindlin, inaugurado em 1962. No exemplo carioca, um amplo espaço de comunicação existente originalmente entre a entrada do Templo e a rua foi interrompido por uma muralha de quase um metro de largura.

4.3.2. SINAGOGAS DE ISRAEL

O caso das sinagogas israelenses estudadas durante a pesquisa mostra um comportamento diferente daquele existente na diáspora no que diz respeito à relação entre a arquitetura e seu meio de inserção.

A primeira característica que chama a atenção nesta comparação é a baixa ocorrência de centros comunitários junto a sinagogas em Israel, uma vez que a demanda por um lugar de reunião e manutenção do judaísmo se dilui dentro de um país onde as regras institucionais e feriados nacionais acompanham a religião. A atividade comunitária, neste sentido, não demanda a concentração em centros

específicos, tomando as escolas, os *kibutzim*⁴³ e praças das cidades. Assim, a sinagoga em Israel muitas vezes compõe a parte litúrgica de programas de uso público ou institucional como universidades e hospitais, algo que se reflete, às vezes, em edifícios de volume mais solto e independente de construções anexas, ligados à função exclusivamente religiosa. É o caso da sinagoga Ohel Aharon, situada na Universidade Técnica de Haifa (Aharon Kashtan – 1969), ou mesmo da Sinagoga Cymbalista (Mario Botta – 1997), situada do Campus da Universidade de Tel Aviv, que possui apenas um pequeno centro de estudos e museu anexo à sinagoga.



Sinagoga Ohel Aharon, Haifa, Israel, 1969 – Aharon Kashtan. Fonte: LEVIN, 2004, p. 40.

Sinagoga Cymbalista, Tel Aviv, Israel, 1997 – Mario Botta. Fonte: PELLANDINI, 2001, p. 75.



⁴³ O Kibutz (no plural, Kibutzim) é uma espécie de centro habitacional comunitário, de caráter cooperativo. É um tipo de núcleo habitacional semi-urbano que ajudou a construir e ocupar Israel e está presente em todo seu território.

Uma das estratégias de relacionamento entre a arquitetura e contexto em Israel é destacada no artigo intitulado "Jewish Identity in Architecture in Israel" (Identidade Judaica na Arquitetura em Israel), de autoria do pesquisador Michael Levin. O texto fala sobre

"A aspiração de desenvolver a arquitetura local derivada do conceito de regionalismo crítico, algo mais ligado a uma estratégia de planejamento do que a um estilo arquitetônico. A arquitetura inspirada por estas idéias constrói seu repertório de formas a partir da arquitetura local – antiga a moderna – resvalando na sentimentalidade ou no kitsch, para criar uma arquitetura moderna que tenha afinidade com o lugar em que se desenvolve" (LEVIN, 2004, p. 33 – trad. nossa).

Neste sentido, a busca por uma identidade judaica nas sinagogas construídas em Israel passa também pela maneira como a própria presença na Terra Santa influencia o trabalho dos arquitetos. Depois de dois mil anos fora da Palestina, a terra natural e suas construções transformaram-se em referências para aqueles com a tarefa de reocupar o território. Absorver a essência da própria cidade, no caso de Jerusalém, significa estabelecer um novo contato com a antiga capital do reino hebreu e um dos pontos mais importantes do judaísmo no mundo, por exemplo.

O uso do domo como um elemento tradicional da cidade e da arquitetura oriental, por exemplo, está presente na concepção de alguns projetos. Dentre eles a Sinagoga da Yeshivá (escola rabínica) Porath Yosef, construída em Jerusalém em 1972. Neste prédio, o arquiteto Moshe Safdie buscou integrar o volume escalonado da obra à paisagem da cidade, usando uma série de domos brancos para destacar a sinagoga dentro do novo conjunto. A imagem panorâmica do prédio mostra uma arquitetura simbiótica, bastante mesclada ao tecido existente, principalmente no uso do material. A pedra calcária de Jerusalém, de cor amarela, é obrigatoriamente utilizada. Compulsório ou não, o uso deste material em sinagogas tem se transformado numa referência direta à Jerusalém e ao Templo de Salomão, em obras localizadas não só em Israel, mas também na diáspora.



Sinagoga da Yeshivá Porath Yosef, Jerusalém, Israel, 1972 – Moshe Safdie. A sinagoga aparece no centro da imagem com domos brancos, ao lado do edifício da escola, caracterizado por grandes arcadas. Fonte: LEVIN, 2004, p.38.

A cúpula é também objeto de releitura no projeto para a Sinagoga da Universidade Hebraica no Campus de Givat Ram (David Reznik e Heiz Rau - 1957). Neste caso, “[...] a idéia de introduzir o domo como uma estrutura independente e inteiriça, levantando do solo, foi desenvolvida durante o processo de trabalho e em conversas entre os dois arquitetos que perceberam a cúpula como um atributo de sinagogas tradicionais” (DEKEL-CASPI, 2005, p.44).



Sinagoga de Givat Ram, Jerusalém, Israel, 1957 – David Reznik e Heinz Rau. Fonte: DEKEL-CASPI, 2005, p. 45.

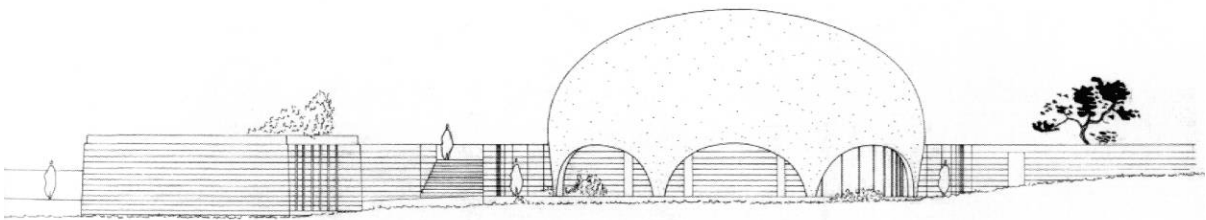
Além de aproveitar o contexto de características desérticas, que dramatiza a presença do volume escultórico, os arquitetos fazem dos arcos que caracterizam a base da cúpula de concreto grandes janelas que emolduram a paisagem da cidade velha de Jerusalém. O vestibulo, que fica no nível da entrada, media a relação com a cidade e seus significados, preparando a subida para a sinagoga, que fica numa plataforma mais alta.



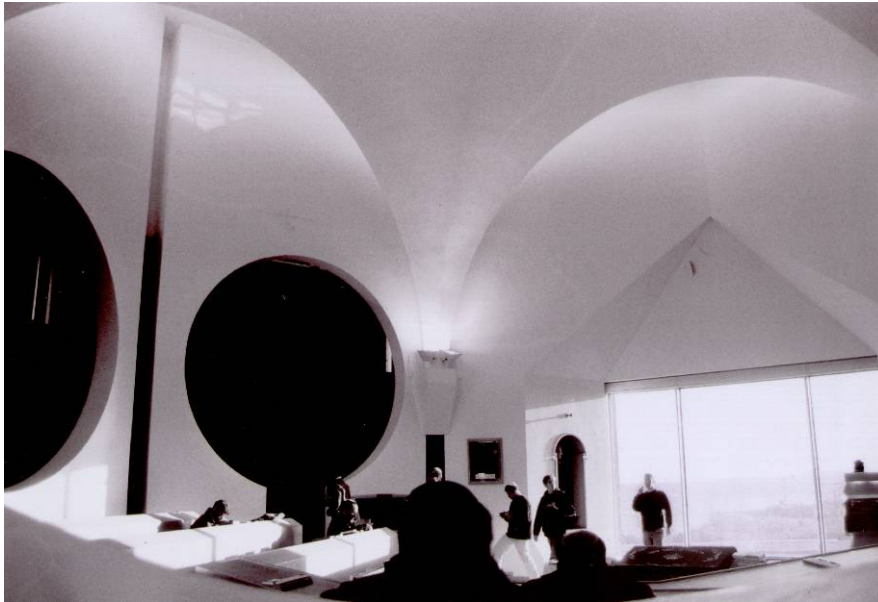
Sinagoga de Givat Ram, Jerusalém. Os arcos emolduram a paisagem histórica, tirando partido da cidade na contextualização do edifício. Fonte: DEKEL-CASPI, 2005, p. 45



Sinagoga de Givat Ram, Jerusalém. Vista da escada que dá acesso à sinagoga propriamente dita. Abaixo: alçado leste. Fonte: DEKEL-CASPI, 2005, p. 45



A presença da paisagem da cidade velha de Jerusalém é também fundamental no projeto para a Sinagoga Hecht (1983), projetada por Ram Karmi no Campus da Universidade Hebraica no Monte Scopus.



Sinagoga Hecht, Monte Scopus, Jerusalém – Ram Karmi. O encerramento da Arca Sagrada (à direita) é uma grande janela para a cidade sagrada. Foto: Sergio Ekerman.

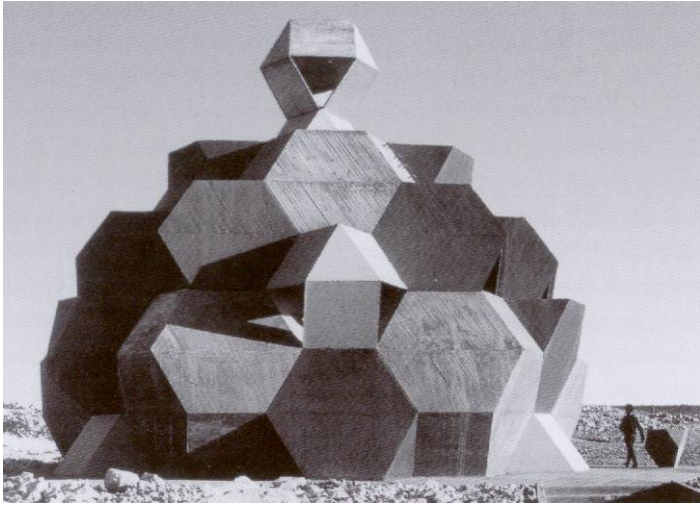
Neste edifício, Karmi propõe no lugar da Arca Sagrada uma grande abertura transparente, com vista para a cidade velha de Jerusalém, mesclando dois símbolos importantes do judaísmo no espaço interno da sinagoga: a Terra Santa e a *Torah*. Neste caso, a paisagem e o contexto transformam-se no próprio significado do edifício, presentes no ponto mais importante do *shul*. Uma curiosidade do prédio projetado por Karmi é sua orientação a oeste, e não a leste, resultado da situação do Monte Scopus em relação a Jerusalém.

Além do tecido urbano tradicional, como em Jerusalém e Jaffo e das novas cidades, como Tel Aviv e Haifa, Israel oferece ainda o contexto natural como objeto de trabalho.

O deserto, por exemplo, é também explorado simbolicamente enquanto cenário da conformação do povo judeu no Êxodo, um ambiente inóspito e quase minimalista, composto por areia, céu e vento.

Tal espaço, caracterizado pela falta de referências formais e físicas onde amarrar a arquitetura, poderia amplificar reflexões simbólicas a respeito do tema e sua

presença na Bíblia como cenário da montagem do primeiro espaço ritual judaico, o Tabernáculo.



Sinagoga de Mitzpeh Ramon, Deserto do Negev, Israel, 1971 – Zvi Hecker. Fonte: LEVIN, 2004, p.39.

diferentes cores. Uma espécie de rocha lapidada, que responde de maneira inusitada tanto ao lugar, como à simbologia judaica.

A intenção do arquiteto polonês-israelense Zvi Hecker no projeto para a sinagoga da Academia Militar de Mitzpeh Ramon (1971), parece ter sido outra, no entanto. Neste caso, o vazio do deserto levou Hecker a uma proposição geométrica, composta pela sobreposição desorganizada de poliedros de concreto aparente pintados de

A observação deste exemplo deixa mais perguntas que respostas, mas é fato que a sinagoga de Mitzpeh Ramon marcou na década de setenta uma espécie de manifesto por uma nova expressão de sinagogas em Israel.

O caráter primitivo da presença no deserto talvez tenha cumprido junto à sinagoga de Hecker o papel de mostrar novos caminhos plásticos e consolidar um ponto de inflexão na busca pela nova expressão estética das sinagogas dentro da Terra Santa, depois da Segunda Guerra.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa surgiu da curiosidade pela observação de um processo em evolução, já que o desenvolvimento da sinagoga através dos tempos revela um espaço em contínua metamorfose, apesar da presença de valores tradicionais.

Cabe, neste ponto, recordar as afirmativas que serviram como ponto de partida para o trabalho: a primeira, de que por motivos políticos, sociais e econômicos as sinagogas nunca puderam desenvolver uma expressão estética própria e coerente, ao menos até o século XIX; a segunda, de que a Segunda Guerra interrompeu um processo de renovação iniciado entre o século XIX e início do século XX, catalisando no momento posterior ao conflito terminado em 1945 a procura por um espaço judaico autêntico.

Os objetivos principais da pesquisa, por sua vez, definiram-se através destas referências, buscando identificar os fenômenos que fizeram surgir a busca por uma "nova sinagoga" após o Holocausto e os instrumentos arquitetônicos capazes de responder a esta demanda.

Primeiramente, é importante perceber que a análise dos exemplos compilados na dissertação confirma que, dentro do retrospecto de sua existência nos últimos dois mil e quinhentos anos, a sinagoga vive hoje um desafio: materializar arquitetonicamente os valores de um povo e uma religião, marcados por episódios recentes e fundamentais na sua história. Além do Holocausto, a criação do Estado de Israel também se configura como um marco do judaísmo moderno, influenciando todos os aspectos da religião, inclusive a produção de sinagogas. Ao mesmo tempo em que acendem uma centelha de renovação, estes eventos amplificam os desafios para a construção destes edifícios. Atualmente, por exemplo, a memorialização do assassinato dos seis milhões de judeus através de museus e edifícios afins têm "competido" com a sinagoga pelo posto de símbolo arquitetônico de manifestação da identidade judaica na contemporaneidade. A construção do espaço do "*shul*" deve, neste sentido, interpretar corretamente sua própria função, sendo dever do arquiteto inseri-la no âmbito de suas funções primordiais.

Não à toa, consideramos que dentre os fatos mais importantes a marcarem o momento atual, está a construção das novas e numerosas sinagogas alemãs, paradigmas de um período de mudança e virada de página no livro da história judaica, capazes não só de lembrar o Holocausto como de também promover a vida comunitária judaica fora de Israel.

Além disto, a pesquisa permitiu compreender também alguns dos fenômenos promotores da busca pela renovação da sinagoga, desde 1945 até os dias atuais. Dentre eles, os principais são:

1) a coincidência cronológica entre o pós-guerra e o desenrolar das vanguardas, que fez com que o tom da resposta cultural ao nazismo e às migrações da Segunda Guerra, com a saída da Europa para as Américas e Israel, fosse dado inicialmente pelo modernismo e seus valores estéticos.

A capacidade renovadora intrínseca ao Movimento Moderno, que neste momento da história já apresentava uma nova interpretação espacial do recinto religioso é uma das responsáveis diretas pelo aparecimento de mudanças na sinagoga, resultantes do encontro com comunidades abertas a tal processo.

2) A reiteração, após o Holocausto, do papel da sinagoga como centro simbólico e funcional das congregações, representante de resistência e renascimento, principalmente na diáspora.

Uma vez que o grande instrumento do judaísmo contra a intolerância e a favor de sua própria perpetuação sempre foi o ato de congregar, a sinagoga precisou refletir esta demanda. As comunidades, assim, ampliaram o papel deste espaço, dilatando seu significado, consolidando o papel do centro comunitário.

3) A concretização do Estado de Israel e seu efeito de unificação da religião, criando novamente, depois de dois mil anos, a noção de um ponto central de referência religiosa, de núcleo decisório.

Do ponto de vista institucional, a relação entre Israel e os judeus da diáspora se realiza através da sua congregação e seus comandantes, como o rabino. O pós-guerra alimentou também o processo de crescimento e consolidação de federações nacionais e internacionais de congregações e comunidades

confirmando assim a função referencial da sinagoga também no âmbito político-institucional.¹

Diante destes acontecimentos, o espaço da sinagoga mudou, adaptando-se a um momento novo da história do judaísmo. Atributos estéticos, simbólicos e funcionais foram objeto de renovação, colocados junto ao desejo de reconstrução da religião após 1945.

Na identificação dos instrumentos arquitetônicos utilizados no atendimento a estas demandas e mudanças, os três eixos escolhidos para a sistematização dos exemplares levantados na pesquisa mostraram um comportamento afim, no sentido de reforçar aspectos judaicos do espaço religioso.

O primeiro deles diz respeito ao trabalho realizado no campo da representação simbólica na arquitetura, no desenvolvimento do aspecto formal na sinagoga. De alguma maneira, a incorporação dos signos tradicionais judaicos à arquitetura ajuda a conferir caráter ao edifício, que transforma a forma no reflexo de sua função mística - religiosa.

Entender a forma como item programático, no caso do judaísmo, representou fazer da sinagoga um objeto de manifestação de símbolos comunicativos e assimiláveis pelas comunidades, sempre muito ligadas a seu espaço de reunião específico. Seja através da elaboração tridimensional, seja pelo uso diferenciado de determinado material construtivo, a sinagoga tem buscado encontrar e reiterar elementos que a diferenciem de outros espaços religiosos e que a identifiquem com a própria liturgia que abriga.

Além da representação simbólica na arquitetura, outro artifício utilizado na tentativa de reforço da liturgia é a utilização da luz natural e artificial.

¹ Artigo de José Gorender sobre a comunidade judaica em Salvador e publicado na Revista Shalom Documento (nº1) trata de divergências políticas entre o grupo comunista “progressista”, que não apoiava a criação de um Estado Judaico e um grupo sionista, que atuava em prol da fundação de um país na Palestina. O texto mostra, através da realidade baiana, uma pequena mostra dos efeitos do Holocausto sobre este ambiente político dividido. Após a Guerra, a luta da União Soviética junto aos aliados e seu apoio à criação de Israel criou laços comuns entre os dois grupos, por exemplo. A sinagoga até hoje existente na cidade (inaugurada em 1950) é fruto de um entendimento comum entre os grupos que, apesar das disputas, unificaram sua vida comunitária numa só sede depois da Guerra.

Como mostrado na dissertação, a sistematização observada na tentativa de destacar através da luz os pontos mais importantes da sinagoga, como o *Aron Ha Kodesh* e a *bimah*, aumentam a particularidade deste espaço, individualizando suas respostas a problemas arquitetônicos também específicos.

Neste sentido, não há dúvidas de que o trabalho com a luz na arquitetura religiosa é um valor quase universal, mas o uso comprometido e cuidadoso deste artifício na construção da sinagoga é um valor relativamente novo, que a torna mais especial e conectada com os motivos de sua existência.

O terceiro eixo de sistematização, baseado na observação dos programas que surgiram junto à sinagoga e das novas relações estabelecidas entre a sinagoga e o lugar, também revelou diferenças e novos comportamentos dos arquitetos após a Guerra.

A tipologia da planta da sinagoga, limitada historicamente à presença do santuário e do vestibulo de entrada, hoje enfrenta a tarefa de buscar a melhor relação entre a sinagoga, espaço exclusivamente religioso, e um programa funcional complementar. Não raro, as sinagogas estão junto a salas de aula, auditório multiuso e cozinhas comunitárias, além de pequenos centros esportivos e de recreação. O momento atual, neste sentido, marca uma reorganização e readaptação da sinagoga à sua inerente multifuncionalidade (casa de oração, casa de estudo e casa da congregação).

A pesquisa também revelou um comportamento específico em relação a este tema por parte dos arquitetos atuantes em Israel, mais ligados à relação estabelecida entre a sinagoga e o sítio bíblico da Palestina, a Terra Santa, inédita nos últimos mil anos, pelo menos.

Após as análises empreendidas sobre os exemplos compilados, uma das conclusões mais importantes caminha no sentido de consolidar a existência do fenômeno que vem mudando a expressão arquitetônica das sinagogas nos últimos anos como uma "busca de identidade na arquitetura ligada ao judaísmo", algo diferente da noção de "arquitetura judaica". Ao olhar a elaboração formal, o trabalho com a luz e a relação do edifício com o sítio, estamos observando a presença de

abordagens específicas da arquitetura ligada ao judaísmo a temas significativos do espaço religioso.

Isto corresponde a dizer que as modificações no espaço da sinagoga aqui delineadas foram e estão sendo realizadas **a partir de** valores religiosos e conceitos simbólicos judaicos que, por sua vez, se materializam **através de** conceitos estéticos arquitetônicos próprios de sua época.

Na necessidade de construir identidades particulares, a sinagoga já não busca mais sua expressão na igreja católica ou na mesquita islâmica, por exemplo, mas sim em seus próprios símbolos, associados à elaboração da arquitetura enquanto obra de arte, como cultura, algo mais abrangente do ponto de vista estético.

Ampliando a discussão sobre identidade na arquitetura contemporânea de sinagogas, poderíamos complementar este raciocínio com dois pontos de vista. O primeiro entende que esta busca pela expressão simbólica ligada ao judaísmo na arquitetura de sinagogas é um processo que ainda amadurece nas pranchetas e canteiros de obras. Um ponto de vista que se incomoda com a heterogeneidade das soluções arquitetônicas dos edifícios apresentados e com a quantidade de estratégias utilizadas, às vezes de maneira concomitante, numa mesma obra. Ou seja, seria possível dizer que o conjunto observado ainda não é capaz de se manifestar de maneira homogênea ao perseguir uma linguagem própria, reiterando a presença de um processo em andamento. Contribui para esta realidade a ligação da arquitetura religiosa às múltiplas correntes arquitetônicas desenvolvidas nos últimos sessenta anos, que acabam estabelecendo uma realidade heterogênea na raiz do problema arquitetônico.

Por outro lado, é possível enxergar a questão da identidade por um outro prisma. Na concepção de um objeto arquitetônico ligado a um povo e a uma história específica, poderíamos considerar que a busca por uma identidade significa justamente respeitar os processos históricos de metamorfose que realimentam o próprio sujeito, resignificando seus elementos simbólicos. No caso do judaísmo, a dispersão pelos mais variados campos geográficos do globo gera heterogeneidades legítimas, por exemplo, que hoje já fazem parte de uma autêntica realidade da religião.

Desta forma, conforme indica o arquiteto indiano Charles Correa², será artificial qualquer fenômeno que procure fabricar uma determinada identidade, ou que pretenda entender a criação de elementos correlatos entre si como um processo totalmente consciente (CORREA, 1983, p.1). Para Correa, as lógicas culturais de cada povo são implícitas, auto-ordenantes e cumulativas, algo que gera de maneira automática uma sensível interpretação acerca daqueles elementos que possam ser de fato reproduzidos de uma maneira natural, fazendo-se reconhecidos por um determinado grupo de pessoas como de sua pertinência. Assim, os elementos arquitetônicos a serem trazidos para uma obra devem ser menos sinais, gestos que demandam uma reação manipulada, e mais símbolos, que geram a relevância intrínseca de determinada obra frente a um conjunto cultural específico – neste caso o contexto judaico.

Isto significa admitir que a conformação do símbolo na materialização da arquitetura de sinagogas é algo saudável, embora interativa com outros elementos de identidade local na produção da arquitetura (como o clima, a relação com determinadas paisagens e culturas) que tornam difícil e incoerente o estabelecimento de uma cruzada global na busca pelo idêntico a todo o custo. A heterogeneidade resultante do processo, segundo este ponto de vista, é natural e inerente aos processos históricos e sócio-culturais.

A pesquisa mostra que tal diversidade é também fruto da ausência de hierarquia religiosa no judaísmo, que acaba deixando a cargo das próprias congregações algumas decisões importantes, como a organização planimétrica do espaço, uma das responsáveis pela coreografia litúrgica. Neste quesito, a diferença de orientação religiosa das comunidades é determinante, uma vez que definirá a posição do *Aron Ha Kodesh* e da *bimah*, além da relação que estabelecem entre si dentro da sinagoga.

Sobre este assunto, permanece também a pergunta: seria possível admitir a maior tradição das plantas *ashquenazitas* e *sefaraditas* (que separam *Aron* e *bimah*)

² Charles Correa é nascido em 1930, em Secunderabad, na Índia. Formou-se arquiteto em 1955 no MIT (EUA), retornando a Bombaim em 1958, onde iniciou prática profissional que lhe rendeu grande quantidade de projetos construídos. Dentre suas obras mais importantes, destacam-se o edifício para a Missão Permanente da Índia na ONU, em NY, o British council de Delhi e o plano urbanístico de Bombaim, além de muitas propostas no campo da habitação e da moradia para o terceiro mundo. Em 1984, ganhou a Medalha de Ouro do RIBA (Royal Institute of British Architects) e em 1991 a Medalha de Ouro da UIA (Union of Architects).

como a solução correta? Ou a atualidade, depois de quase duzentos anos, já transformou a planta Reformista/Liberal (*Aron* e *bimah* juntos no mesmo ponto) numa tradição tão “judaica” quanto suas anteriores?

Nossa contribuição caminha no sentido de concluir que a planta “monofocal” aproxima o espaço judaico do espaço cristão, ampliando os desafios, e não as soluções, na busca por uma sinagoga coerente com a religião e seu ritual. Considerando que no período estudado a Igreja também passou por modificações, após o Concílio Vaticano II (1964), simplificando sua linguagem e a quantidade de imagens no espaço de culto (algo mais próximo da iconoclastia judaica) foi possível perceber que a semelhança na resultante espacial entre igrejas e sinagogas é patente, em alguns casos. As grandes sinagogas Reformistas do pós-guerra nos Estados Unidos, que se aproximaram da escala das catedrais e tiveram uma raiz estética modernista, como no caso das igrejas pós-conciliares, criaram espaços similares aos cristãos em muitas características.

No entanto, seria equivocado dizer, por conta do já colocado anteriormente, que tal solução não é legitimamente judaica. O menor conservadorismo das congregações Reformistas foi, inclusive, um importante responsável pela execução dos primeiros exemplos paradigmáticos na busca pela representação simbólica judaica na resposta formal dos edifícios.

A pesquisa mostra que um caminho alternativo tem sido trilhado por algumas das sinagogas construídas na Alemanha nos últimos quinze anos, resultantes de um processo híbrido que busca fundir a tradição da planta ortodoxa à visão mais liberal com respeito à figuração ou representação simbólica na arquitetura de sinagogas. O alcance do equilíbrio entre as duas posturas pode ajudar na pretensa “busca” da identidade judaica em novas sinagogas, sessenta anos após a guerra.

A análise também chama atenção para as naturais diferenças que se estabeleceram na divisão geográfica deste processo, que viu a presença de diferentes focos de produção de sinagogas durante o período estudado.

Como dito anteriormente, o papel dos Estados Unidos no imediato pós-guerra levou este país a tornar-se o núcleo principal de construções de sinagogas na década de 50. A Europa, o continente com mais sinagogas em todo o mundo até o final do

século XIX, mostrou poucos exemplos construídos nos primeiros vinte anos após a Segunda Guerra. Se antes de 1939 muitas eram as comunidades judaicas européias, poucas restaram após 1945, uma vez que a maioria dos judeus buscou a migração para as Américas e para então Palestina sob comando inglês, transformada poucos anos mais tarde no Estado de Israel. Somente após 1989, com a queda do Muro de Berlin e a redemocratização, a Alemanha assumiu as rédeas de um programa revisionista que visa até hoje incorporar novas comunidades (muitas imigrantes do leste europeu) e construir novas sinagogas tais como as de Dresden, Munique, Colônia, Offenbach e Chemnitz, dentre outras mostradas na dissertação.

Instável economicamente e politicamente, logo após a independência, Israel também demorou alguns anos até que ganhasse novas sinagogas construídas como fruto de reflexões arquitetônicas mais profundas, exceção apenas da sinagoga de Givat Ram, de David Reznik. Paulatinamente, o ímpeto construtivo da terra do deserto vem contemplando também as sinagogas.

Dessa forma, é possível dizer que as propostas iniciais de “reconstrução” da sinagoga, elaboradas nos Estados Unidos por Erich Mendelsohn, Percival Goodman e outros nomes significativos tiveram influência sobre as sinagogas israelenses e européias construídas anos depois. Hoje, embora um grande número de sinagogas ainda esteja sendo construído nos Estados Unidos, o país já não tem mais o protagonismo do pós-guerra no movimento de renovação do *Bet Ha Knesset*, dividindo novamente esta posição com os países da Europa e também Israel.

Na América do Sul, os grandes centros de colonização judaica após 1945 foram Argentina e Brasil, representados por suas duas maiores cidades, Buenos Aires e São Paulo. Embora a pesquisa não tenha sido capaz de fornecer material significativo acerca das sinagogas argentinas (ou sulamericanas em geral), é possível supor que a situação nos dois países seja similar.

A busca por sinagogas brasileiras construídas no pós-guerra apresentou um relativo sucesso numérico, refletindo por outro lado uma produção ainda mais heterogênea que a média “mundial” e de relativa qualidade arquitetônica. Poucos são os exemplos que escapam da simbolização pós-moderna literal, menos óbvia, bem como são exceção os edifícios que procuram a construção de um espaço religioso

menos pragmático, forjado através da luz, dos materiais, da representação simbólica e de um desenho arquitetônico mais elaborado. Alguns exemplares, derivados da linguagem modernista europeia anterior a 1939, tais como a Sinagoga Etz Chaim, da Congregação Israelita Paulista ou o Templo Israelita Ohel Yaacov, também em São Paulo, são capazes de contribuir à concepção de uma expressão de identidade judaica mais desenvolvida. Com este objetivo, incorporam vitrais com símbolos judaicos, além de usarem materiais cada vez mais tradicionais em sinagogas, como a pedra calcária amarela, caso também da sinagoga da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro, projeto de Henrique Mindlin, inaugurado em meados da década de 60.

À parte destes exemplos mais antigos, só mais recentemente, nos últimos cinco anos, pudemos observar o surgimento de alguns prédios que tem buscado sua inserção dentro das discussões mais contemporâneas acerca do assunto, aproximando-se da questão da identidade na arquitetura de sinagogas.

Tais exemplares, como a futura Sinagoga Shalom, de Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, enfrentam ainda o desafio de vencer o fenômeno imobiliário do gosto neoclássico, por exemplo, que ainda é capaz de retroceder ao neo-historicismo do século XIX para construir sinagogas tais como a Mekor Chaim, situada à Rua Veiga Filho, em São Paulo. No Rio de Janeiro, sinagogas como a Beit Lubavitch, no Leblon, inaugurada em 2001 e com autoria do arquiteto Roberto Wagner, mostram também um gosto pouco elaborado da comunidade pela arquitetura corporativa de fachada envidraçada e mármore, mesclando uma linguagem duvidosa tanto do ponto de vista construtivo quanto estético a um programa que demandaria cuidado extraordinário na sua concretização.

A má qualidade de alguns projetos arquitetônicos de sinagogas, neste sentido, vem ampliar a discussão a respeito da formalização do espaço religioso judaico.

As alternativas levantadas durante esta dissertação, através da interpretação de exemplares construídos, compõem, a nosso ver, caminhos e possibilidades concretas já experimentadas, cujo resultado atende ao objetivo inicial de:

- 1) Concretizar a elaboração da Sinagoga enquanto espaço de materialização do Sagrado.

- 2) Buscar uma arquitetura que responda aos anseios do(s) judaísmo(s) contemporâneo(s), marcando sua identidade estética e funcional.
- 3) Consolidar a renovação da arquitetura de sinagogas após a Segunda Guerra, que trouxe como consequência um dos episódios mais cruéis da história judaica, o Holocausto.

Não há dúvidas de que os caminhos capazes de trilhar esta renovação da religião judaica e da expressão de sua arquitetura são múltiplos e heterogêneos. No baú de história, cultura, referências e símbolos do judaísmo não faltam elementos capazes de inspirar e fomentar o pensamento arquitetônico ligado ao judaísmo.

É preciso observar ainda, que há neste processo outros desafios. No momento em que a tolerância religiosa está na ordem do dia, estas construções deverão ser também capazes de estabelecer uma relação saudável com o contexto político e social em que se inserem, sabendo promover o diálogo, a inclusão e a paz. Serão ainda mais bem sucedidas, na medida em que consigam também ser abertas a todos, dando exemplo no esforço pela manutenção do respeito mútuo entre as religiões.

Mais do que buscar apenas referências para seu desenho, esta renovação deve estar comprometida com os conceitos de justiça e solidariedade do judaísmo. Só assim será capaz de materializar um espaço judaico coerente com a própria religião e seus valores mais importantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVI-YONAH, Michael. A Arquitetura de Sinagoga no Período Clássico. In: **Enciclopédia Judaica**. Rio de Janeiro: Ed. Tradição S. A., 1967.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Edições Paulinas, 1969.

BIONDILLO, Gianni. **Giovanni Michelucci – Brani di Città Aperti a Tutti**. Torino: Testo & Immagine, 1999.

BONDER, Nilton. **A Cabala da Inveja**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.

BOTTA, Mario. **The Cymbalista Synagogue na Jewish Heritage Center, Tel Aviv, 1996-1998**. In: PELLANDINI, Paola(org.). Mario Botta – The Cymbalista Synagogue and Jewish Heritage Center. Milano: Skira, 2001, p. 37-70.

BOTTERO, Maria. **Zvi Hecker: Scuola Ebraica - Berlino**. Col. Universale di Architettura, nº 32. Torino: Testo & Immagine, 1997.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

BULLRICH, Francisco. **Arquitectura Latinoamericana 1930/1970**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1969.

CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). **Arquitetura da Modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CAVALCANTI, Lauro (org.). **Quando o Brasil era Moderno**. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2001.

COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa: Registro de uma Vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CORDEIRO, Hélio Daniel. **O Que É Judaísmo**. Coleção Primeiros Passos, Vol. 311. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

CORREA, Charles. **Charles Correa**. Bombay: The Perennial Press, 1996.

CURTIS, Willian J.R. **Le Corbusier: Ideas and Forms**. London: Phaidon, 1986.

CYMBALISTA, Norbert. **Why Did I Want to Build a Synagogue?** In: PELLANDINI, Paola(org.). Mario Botta – The Cymbalista Synagogue and Jewish Heritage Center. Milano: Skira, 2001, p. 7-13.

DEKEL-CASPI, Sofia (org.). **David Reznik: A Retrospective**. Tel Aviv: The Genia Schreiber University Art Gallery, 2005.

DON-YEHIYA, Eliezer & LIEBMAN, Charles S. **Civil Religion in Israel: Traditional Judaism and Political Culture in Jewish State**. Berkeley: University of California Press, 1983.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Enciclopédia Britannica do Brasil Publicações, 1975.

FERRAZ, Marcelo Carvalho (org.) **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.

ELMAN, Kimberly J. & GIRAL, Angela (org). **Percival Goodman: Architect, Planner, Teacher, Painter**. New York: Miriam and Ira D. Wallach Art Gallery, Columbia University, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

FORCONI, Donatella. **Il Sacro e L'Architettura: Materiali Per Il Progetto della Chiesa Contemporanea**. Roma: Edizioni Kapa, 2005.

FRAMPTON, Kenneth. **Modern Architecture: A Critical History**. London: Thames and Hudson, 1992 – Third Edition.

GALIANO, Luis Fernández (org.). *Arquitectura Viva – Monografías*, nº 95 – **Recintos Religiosos: de Gaudí a Moneo**. Madrid: Arquitectura Viva SL, 2002.

GOODMAN, Paul & GOODMAN, Percival. **Tradition from Function**. In: ELMAN, Kimberly J. & GIRAL, Angela. *Percival Goodman: Architect, Planner, Teacher, Painter*. New York: Miriam and Ira D. Wallach Art Gallery, Columbia University, 2001. p. 62-65. (artigo reimpresso da revista *Commentary* - Junho 1947): 542-44.

_____. **Modern Artist as Synagogue Builder: Satisfying the Needs of Today's Congregations**. In: ELMAN, Kimberly J. & GIRAL, Angela (org.). *Percival Goodman: Architect, Planner, Teacher, Painter*. New York: Miriam and Ira D. Wallach Art Gallery, Columbia University, 2001. p. 66-71. (artigo reimpresso da revista *Commentary* - Janeiro 1949): 51-55.

GIURGOLA, Romaldo & MEHTA, Jaimini. **Louis I. Kahn**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1976.

GREGOTTI, Vitorio. **Território da Arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

GRUBER, Samuel D. **American Synagogues: a Century of Architecture and Jewish Community**. New York: Rizzoli, 2003.

_____. **Jewish Identity and Modern Synagogue Architecture**. In SACHS, Angeli & VAN VOOLEN, Edward(org.). *Jewish Identity in Contemporary Architecture*. Berlin: Prestel Publishing, 2004.

HAYOUN, Maurice-Ruben & JARRASSÉ, Dominique. **Les Synagogues**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

HANDLIN, David P. **American Architecture**. London: Thames and Hudson, 2004.

HIDALGO, Madalena Torres (org.). **Eládio Dieste 1943-1996**. Sevilla: Junta de Andaluzia, 1996.

HOLLENSTEIN, Roman. **Citadel of Faith: Mario Botta's Cymbalista Synagogue in Tel Aviv**. In: PELLANDINI, Paola(org.). Mario Botta – The Cymbalista Synagogue and Jewish Heritage Center. Milano: Skira, 2001, p. 25-35.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2000.

JAMES-CHAKRABORTY, Kathleen. **In the Spirit of Our Age: Eric Mendelsohn's B'nai Amoona Synagogue**. St. Louis: Missouri Historical Society Press, 2000.

KRINSKY, Carol Herselle. **Synagogues of Europe**. New York: Dover, 1996.

LAMPUGNANI, Vittorio Magnano. **Dictionary of 20th century architecture**. Londres: Thames and Hudson, 1996.

LATORRACA, Giancarlo (org.). **João Filgueiras Lima – Lelé**. Lisboa: Editorial Blau, 1999.

LEVENE, Richard C. & CECÍLIA, Fernando Márquez(org.). **El Croquis - Álvaro Siza 1995/1999**. Madrid: Ed. El Croquis, 1999.

LEVIN, Michael. **Jewish Identity in Architecture in Israel**. In SACHS, Angeli & VAN VOOLEN, Edward(org.). Jewish Identity in Contemporary Architecture. Berlin: Prestel Publishing, 2004, p. 32-41.

LEVISKY, Adriana Blay. **Sinagogas: A Sacralização do Espaço & Espacialização do Sagrado**. 2000. 220f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação - Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LORENZ, Mario (Curador). **Folheto sobre a exposição "Em Um Novo Espírito: As Sinagogas de Alfred Jacoby"**. Berlin: Deutsches Architektur Museum, 2004.

MAIA, Éolo & VASCONCELOS, Jô. **Éolo Maia e Jô Vasconcelos – Arquitetos**. Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1991.

MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. **Local de Celebração - Arquitetura e Liturgia**. São Paulo: Editoras Paulinas, 2002.

MEEK, Harold A. **The Synagogue**. London: Phaidon, 1996.

MILLET, Marietta S. **Light Revealing Architecture**. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 1996.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editorial/IPHAN, 2000.

MIOTTO, Laura & NICOLINI, Savina. **Lina Bo Bardi: Apprisi all'accadimento**. Torino: Texto & Immagine, 1998.

MOSER, Hilário. **Concílio Vaticano II: Você Conhece? Síntese dos Documentos Conciliares**. São Paulo: Editora Salesiano, 2006.

MÜLLER, Lars (org.) **Holocaust Memorial Berlin: Eisenman Architects**. Baden: Lars Müller Publishers, 2005.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. São Paulo Editora Perspectiva, 2002.

NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2000.

NORMAN, Edward. **The House of God**. London: Thames and Hudson, 1990.

Capela do Menino Jesus. Itapetinga: edição particular, ano desconhecido.

OYARZUN, Fernando; GREZ, Hernán; LANATA, Pedro & DITTBORN, Pilar. **Iglesias de la Modernidad en Chile, Precedentes Europeus e Americanos**. Santiago: Ediciones ARQ, 1997.

PASTRO, Claudio. **Guia do Espaço Sagrado**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PELLANDINI, Paola(org.). **Mario Botta – The Cymbalista Synagogue and Jewish Heritage Center**. Milano: Skira, 2001.

PELKONEN, Eeva Liisa. **The Search for (Communicative) Form**. In: _____ & ALBRECHT, Donald (org.) *Eero Saarinen: Shaping the Future*. London: Yale University Press, 2006.

PIZZI, Emilio. **Mario Botta**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PORTOGHESI, Paolo. **Depois da Arquitetura Moderna**. Lisboa: Edições 70, 1985.

RICHARDSON, Phyllis. **New Spiritual Architecture**. New York: Abeville Press Publishers, 2004.

RILEY, Terence e REED, Peter. **Frank Lloyd Wright: Architect**. Nova York: The Museum of Modern Art, 1994.

ROBERTS, Nicholas W. **Building Type Basics for Places of Worship**. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2004.

SACCHI, Livio. **Daniel Libeskind: Museo Ebraico - Berlino**. Col. Universale di Architettura, n° 47. Torino: Testo & Imagine, 1998.

SACHS, Angeli & VOOLEN, Edward Van (org.). **Jewish Identity in Contemporary Architecture**. Berlin: Prestel Publishing, 2004.

SCHOLEM, Gershom. **A Mistica Judaica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil – 1900/1990**. São Paulo: Edusp, 1997.

SERRA, Geraldo. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: Edusp e Editora Mandarin, 2006.

SETA, Cesare. **Architettura della Fede in Italia**. Milano: Bruno Mondadori, 2003.

SIAT, Jeannine. **Religiões Monoteístas: Uma Brevíssima Introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SPITZCOVSKY, Jaime (org.). **Sinagogas do Brasil**. São Paulo: Editora Safra, 2004.

STOCK, Wolfgang Jean. **European Church Architecture , 1950-2000**. Berlin: Prestel Publishing, 2003.

STOCK, Wolfgang Jean. **Architectural Guide – Christian Sacred Buildings in Europe Since 1950**. Berlin: Prestel Publishing, 2004.

VAN VOOLEN, Edward. **From Time to Place**. In SACHS, Angeli & _____(org.). **Jewish Identity in Contemporary Architecture**. Berlin: Prestel Publishing, 2004.

YOUNG, James E. **The Texture of Memory: Holocaust Memorials and Meaning**. London: Yale University Press, 1993.

ZEVI, Bruno. **El Lenguaje Moderno de La Arquitectura**. Barcelona: Editorial Poseidon, 1978.

_____. **Erich Mendelsohn**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1984.

_____. **Arquitetura e Judaísmo: Erich Mendelsohn**. Trad. e notas Anat Falbel São Paulo: Perspectiva, 2002.

PERIÓDICOS e ARTIGOS DE PERIÓDICOS

A Estrela de David. Revista Morashá, nº 35, ano X, dezembro de 2001. p. 34-39.

BARNABÉ, Paulo Marcos Mottos. **A luz natural como diretriz de projeto.** Arqtextos nº 084.01. São Paulo, Portal Vitruvius, maio de 2007. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em 27 julho 2007.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A crítica da forma na Arquitetura.** In: Interpretar Arquitetura, nº6. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, maio de 2004. Disponível em <http://www.arq.ufmg.br/ia/>. Acesso em 05/08/2007.

COHEN, Avraham. **Shavuot, além do tempo e espaço.** Revista Morashá, São Paulo, nº 52, p. 20-25, abr. 2006.

CORREA, Charles. **Quest for Identity.** In: POWELL, Robert. Architecture and Identity. Singapore: The Aga Kahn Award for Architecture, 1983.

CORINALDI, Vittorio. **Yad Vashem: a memória do holocausto.** Arqtextos - texto especial 040. São Paulo, Portal Vitruvius, janeiro de 2001. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq000/esp040.asp>. Acesso em 09/05/2007.

FALBEL, Anat. **Como cantaríamos o canto do Senhor numa terra estrangeira?** Revista do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo, nº37, ano X, maio de 2007. p. 21-28.

FEIGUÍN, Dario (org.). **Revista Comunidade Amijai.** Buenos Aires, ano 12, nº 15. Setembro 2004.

FIERMAN, Floyd S. **I Lift Mine Eyes Unto the Hills: discurso de inauguração do Temple Mount Sinai.** 1962. Disponível em www.templemountsinai.com/who_we_are/our_home.php. Acesso em 24/06/2007.

GOLDSTEIN, Leah. **A sinagoga do Yad Vashem**. Revista Shalom, nº 416, Vol. VIII, abril de 2006. p. 18-19.

GORENDER, José. **Progressistas X Sionistas**. Revista Shalom – Documento, nº 1 – Os Judeus na Bahia, p. 32-33. Encarte especial da Revista Shalom, nº 296, junho 1992.

GRUBER, Samuel D. **Sidney Eisenshtat, 90, Leading Synagogue Architect**. In: Forward, The Jewish Daily, April 2001. Disponível em www.forward.com/articles/sidney-eisenshtat-90-leading-synagogue-architect/. Acesso em 24/06/2007.

ISASI, Justo. **Rudolf Schwarz: Iglesia del Corpus, Aquisgrán, Alemania (1929, 1930)**. In: GALIANO, Luis Fernández (org.). Arquitectura Viva – Monografías, nº 95 – Recintos Religiosos: de Gaudí a Moneo. Madrid: Arquitectura Viva SL, 2002, p.18 e 19.

KAPP, Silke. **Forma na arquitetura: um palimpsesto**. In: Interpretar Arquitetura, nº6. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, maio de 2004. Disponível em <http://www.arq.ufmg.br/ia/>. Acesso em 05/08/2007.

LEAL, Ledy Valporto. **Simbologia das Formas – Centro Bait em São Paulo, Michel Gorski**. In: Revista AU, nº144. São Paulo: Editora Pini, Março de 2006.

MAHFUZ, Edson da Cunha. **Reflexões sobre a construção da forma pertinente**. Arqtextos nº 045.02. São Paulo, Portal Vitruvius, Fev. 2004. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em 22 dez. 2006.

MALARD, Maria Lúcia. **Forma, arquitetura**. In: Interpretar Arquitetura, nº6. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, maio de 2004. Disponível em <http://www.arq.ufmg.br/ia/>. Acesso em 05/08/2007.

MASCARÓ, Lucia. **Iluminação e arquitetura: sua evolução através do tempo**. Arqtextos 063 – Texto especial 324. São Paulo, Portal Vitruvius, agosto de 2005. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em 25 julho 2007.

MOREIRA, Fernando Diniz. **Igrejas Para Homens: Sigürd Lewerentz em Klippan e Björkhagen**. Arqutextos nº 75.02. São Paulo, Portal Vitruvius, set. 2005. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em 22 dez. 2006.

New Munich Synagogue Opens on Nazi Persecution Anniversary. DW-World.De/Deutsche Welle. Seção de Cultura. 09/Nov2006. Disponível em www.dw-world.de/dw/article/0,2144,2230576,00.html . Acesso em 06/04/2007.

New Synagogue and Jewish Center Opens in Munich. Website: German Embassy in Washington D.C. 10/Nov/2006.

Disponível em

www.germany.info/relaunch/info/publications/week/2006/061110/politics6.html

Acesso em 06/04/2007.

O Sefer Torá e Simchat Torá. Website da Revista Morashá, seção Leis e Tradições. Disponível em www.morasha.com.br. Acesso em 28/05/2007.

ROMAIN, Jonathan. **History of Reform Judaism**. Disponível em <http://www.reformjudaism.org.uk/reform-judaism.html>. Acesso em 06/07/2007.

SIMMONS, Shraga. **Star of David**. Website Aish.com. Disponível em www.aish.com/literacy/concepts/Star_of_David.asp. Acesso em 03/06/2007.

WISE, Michael Z. **America's Most Prolific Synagogue Architect**. In: Forward, The Jewish Daily, March 2001. Disponível em http://www.michaelzwise.com/articleDisplay.php?article_id=17. Acesso em 09/05/2007.

_____. **Germany's New Synagogues**. Disponível em http://www.michaelzwise.com/articleDisplay.php?article_id=83. Acesso em 09/05/2007.

Um Novo Começo. Revista Morashá, São Paulo, nº56, p. 22 e23. abril 2007.

WONG, Janay Jadine. **Synagogue art of the 1950's: a new context for abstraction**. In: Art Journal, winter 1994. Disponível em <http://findarticles.com/p/articles/mi_m0425/is_n4_v53/ai_16548154> Acesso em 09/05/2007.

ZURASZKI, Gustavo. **Comentário sobre a Parashá "Shelach Lechá"**. SIB e-news, Salvador, Ano 2, nº53, 08/06/07.

WEBSITES

AISH.COM. Desenvolvido por jornalistas, rabinos e comentaristas judeus, trazendo comentários, artigos e noticiários sobre o cotidiano judaico. Situado em Jerusalém, Israel. Disponível em www.aish.com. Acesso em 03/06/2007.

AMERICAN JEWISH COMITEE. Desenvolvido pelo American Jewish Comitee, situado em New York, NY, EUA. Apresenta grande coleção de arquivos da história judaica no século XX. Disponível em <http://www.ajcarchives.org>. Acesso em 01/06/2007.

ARCHITECTURAL ARCHIVES OF THE UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. Desenvolvido pela Universidade da Pensilvânia, PA, EUA. Apresenta fotos e informações sobre os projetos de Louis Isidore Kahn. Disponível em http://www.design.upenn.edu/archives/archives/collection_a-z.htm . Acesso em 11/01/2007.

ARCHNET. Desenvolvido no MIT (Massachusets Institute of Technology), com recursos da Fundação Aga Kahn, o site procura formar uma rede de arquivo e informação decidada à conservação e difusão da cultura islâmica, com foco em suas manifestações arquitetônicas. Disponível em <http://archnet.org/front/welcome.jsp>. Acesso em 10/10/2007.

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA ISRAELITA DO RIO DE JANEIRO. Desenvolvido pela Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro. Apresenta histórico, fotografias e informações sobre a Associação. Disponível em www.arirj.com.br. Acesso em 11/01/2007.

BEIT CHABAD. Desenvolvido por Beit Chabad. Site dedicado ao judaísmo e à instituição Beit Chabad. Disponível em www.chabad.org.br. Acesso em 24/05/2007.

BOSTON COLLEGE – ARQUIVO DIGITAL DE ARQUITETURA AMERICANA. Desenvolvido pelo professor Jeffery Howe. Apresenta arquivo de 1500 fotos de prédios construídos nos EUA. Disponível em www.bc.edu/bc_org/avp/cas/fnart/fa267. Acesso em 16/01/2007.

CENTRO JUDAICO BAIT. Desenvolvido pelo Centro Judaico Bait, localizado em São Paulo, SP – Brasil. Apresenta notícias e informes do centro. Disponível em <http://www.bait.org.br>. Acesso em 09/05/2007.

COMUNIDADE SHALOM. Desenvolvido pela Comunidade Shalom, localizada em São Paulo, SP. Apresenta notícias e informes da comunidade. Disponível em <http://www.shalom.org.br/>. Acesso em 26/07/2007.

CONGREGATION B'NAI ISRAEL – MILLBURN. Desenvolvido pela comunidade judaica B'nai Israel, localizada em Millburn, NJ, EUA. Apresenta notícias e informes da comunidade. Disponível em <http://www.cbi-nj.org/> Acesso em 17/11/2006.

CONGREGATION KNESES TIFEREETH ISRAEL – PORT CHESTER. Desenvolvido pela comunidade judaica Kneses Tifereth Israel, localizada em Port Chester, NY, EUA. Apresenta notícias e informes da comunidade. Disponível em <http://www.ktionline.org>. Acesso em 23/05/2007.

CHICAGO LOOP SYNAGOGUE. Desenvolvido pela congregação da Sinagoga Loop em Chicago, IL, EUA. Apresenta notícias e informes da comunidade. Disponível em <http://www.chicagoloopsynagogue.org>. Acesso em 26/07/2007.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. Desenvolvida pelo Instituto Itaú Cultural. Apresenta verbetes sobre artistas, obras, termos e conceitos do universo das artes plásticas. Disponível em

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm Acesso em 09/05/2007.

FORWARD – The Jewish Daily. Website do periódico Forward, dedicado à temática judaica e publicado em New York, NY, EUA. Disponível em <http://www.forward.com>. Acesso em 09/05/2007.

FUNDAÇÃO LE CORBUSIER. Desenvolvido pela Fundação Le Corbusier de Paris, França. Apresenta os arquivos da Fundação. Disponível em www.fondationlecorbusier.asso.fr. Acesso em 14/11/2006.

JUDAISM 101. Desenvolvido por um advogado judeu, Tracey R. Rich. Site que compila informações gerais sobre a religião, a partir de fontes como a Torah, o Talmud e crônicas especializadas. Disponível em <http://www.jewfaq.org/index.htm>. Acesso em 02/06/2007.

JÜDISCHES MUSEUM - MÜNCHEN. Museu Judaico de Munique – Desenvolvido pela própria instituição, apresenta programação do museu e imagens do edifício. Disponível em <http://www.juedisches-museum.muenchen.de> Acesso em 09/05/2007.

MUNICIPALIDADE DE JERUSALÉM. Site oficial da Municipalidade de Jerusalém – Desenvolvido pela própria instituição. Apresenta dados históricos, geográficos, políticos, atualidades, pontos turísticos e edifícios importantes da cidade, além da agenda de eventos. Disponível em <http://www.jerusalem.muni.il>. Acesso em 01/07/2007.

OLGA'S GALLERY. Galeria de arte virtual, reproduz centenas de telas dos principais pintores da história da arte. Disponível em www.abcgallery.com. Acesso em 13/08/2007.

PORTAL DE ARQUITETURA VITRUVIUS. Desenvolvido e editado por Abílio Guerra e situado em São Paulo, SP. Portal sobre arquitetura que publica artigos, textos, resenhas e notícias sobre o tema. Disponível em www.vitruvius.com.br. Acesso em 16/01/2007.

PORTAL KUNSTDOSE. Desenvolvido por H. P. Schaefer, situado em Colônia, Alemanha. Portal de artes em geral. Disponível em www.kunstdose.de. Acesso em 17/01/2007.

REVISTA MORASHÁ. Website do periódico Morashá, dedicado à temática judaica e publicado em São Paulo, SP. Disponível em <http://www.morasha.com.br/>. Acesso em 03/03/2007.

SITE DO ARQUITETO: DANIEL LIBESKIND. Desenvolvido pelo escritório de Daniel Libeskind. Apresenta as obras realizadas pelo escritório, comentadas pelo arquiteto. Disponível em www.daniel-libeskind.com. Acesso em 10/12/2006.

SITE DO ARQUITETO: MARIO BOTTA. Desenvolvido pelo escritório de Mario Botta. Apresenta as obras realizadas pelo escritório, com fotos e breves comentários. Disponível em www.botta.ch. Acesso em 29/05/2007.

SITE DO ARQUITETO: MINORU YAMASAKI. Desenvolvido pelo escritório de Minoru Yamasaki Arquitetos Associados. Apresenta o portfolio do arquiteto. Disponível em www.yamasakiinc.com. Acesso em 01/06/2007.

SITE DO ARQUITETO: MOSHE SAFDIE. Desenvolvido pelo escritório de Moshe Safdie Associados. Apresenta as obras realizadas pelo escritório, com fotos e breves comentários. Disponível em www.msafdie.com. Acesso em 04/04/2007.

SITE DO ARQUITETO: NORMAN JAFFE. Desenvolvido pelo escritório de Norman Jaffe. Apresenta as obras realizadas pelo escritório, com fotos e comentários, além de biografia do arquiteto. Disponível em www.normanjaffe.com. Acesso em 13/06/2007.

SITE DOS ARQUITETOS: WANDEL HOEFER LORCH. Desenvolvido pelo escritório que tem como sócios os arquitetos Andrea Wandel, Andreas Hofer e Wolfgang Lorch. Apresenta ficha técnica do escritório. Disponível em <http://www.wandel-hoefer-lorch.de/>. Acesso em 04/02/2007.

SITE DO ARQUITETO: WILL BRUDER. Desenvolvido pelo escritório de Will Bruder. Apresenta as obras realizadas pelo escritório. Disponível em www.willbruder.com. Acesso em 18/12/2006.

THE ISRAEL MUSEUM. Desenvolvido pela instituição. O site apresenta acervo e programações do Israel Museum, dedicado à coletânea de diversos tipos de manifestações artísticas e culturais em Israel e no mundo. Situado em Jerusalém. Disponível em <http://www.imj.org.il/>. Acesso em 04/06/2007.

THE NEW YORK TIMES. Desenvolvido por The New York Times. Website do periódico situado em Nova Iorque, EUA. Apresenta o conteúdo diário e arquivos do periódico. Disponível em www.nytimes.com. Acesso em 15/12/2006.

TEL AVIV UNIVERSITY - Site da Universidade de Tel Aviv, na seção dedicada à apresentação da Sinagoga Cymbalista. Apresenta a dinâmica de funcionamento da sinagoga, dentro do Campus da Universidade de Tel Aviv. Disponível em <http://www.tau.ac.il/institutes/cymbalista/eindex.html>. Acesso em 29/05/2007.

TEMPIO MAGGIORE – ROMA. Desenvolvido pela comunidade judaica de Roma, Itália. Apresenta informações e histórico do Tempio Maggiore de Roma. Disponível em <http://www.tempiomaggiore.roma.it>. Acesso em 31/07/2007.

TEMPLE BETH SHOLOM - MIAMI. Desenvolvido pela comunidade judaica Beth Sholom, localizada em Miami, FL, EUA. Apresenta notícias e informes da comunidade. Disponível em www.tbsmb.org. Acesso em 19/05/2007.

TEMPLE BETH ZION. Desenvolvido pela comunidade judaica Beth Zion, localizada em Buffalo, NY, EUA. Apresenta notícias, informes e histórico da comunidade. Disponível em www.tbz.org. Acesso em 04/04/2007.

TEMPLE OHEB SHALOM. Desenvolvido pela comunidade judaica Oheb Shalom, localizada em Baltimore, Maryland, EUA. Apresenta notícias, informes e histórico da

comunidade. Disponível em <http://www.templeohebshalom.org>. Acesso em 24/05/2007.

TEMPLE MOUNT SINAI. Desenvolvida pela Congregação Mount Sinai, localizada em El Paso, Texas, EUA. Apresenta notícias, informes e histórico da comunidade. Disponível em <http://www.templemountsinai.com>. Acesso em 24/06/2007.

YAD VASHEM – Museu do Holocausto de Jerusalém. Desenvolvido pela própria instituição, traz informações sobre o museu. Disponível em <http://www.yadvashem.org/>. Acesso em 06/05/2007.

ANEXOS

ANEXO 1

Planilha de referência das sinagogas pesquisadas.

NOME DA OBRA	LOCALIZAÇÃO		DATA	ARQUITETO	FONTES DAS IMAGENS OBTIDAS	OBS
	CIDADE	PAÍS				
Sinagoga B'nai Amoona	St. Louis, Missouri	EUA	1950	Eric Mendelsohn	www.bluffton.edu/~sullivanm/missouri/stlouis/temple/mendelsohn.html e JAMES · CHAKRABORTY, 2001	
Sinagoga da SIB	Salvador, BA	Brasil	1950	?	fotos do autor, julho 2001	
Sinagoga B'nai Israel	Millburn, NJ	EUA	1952	Percival Goodman	http://www.cbi-nj.org/ e ELMAN; GIRAL, 2001, p.77	
Park Synagogue	Cleveland, OH	EUA	1953	Eric Mendelsohn	GRUBER, 2003. p. 86	
Temple Beth El	Springfield, Massachussets	EUA	1953	Percival Goodman	http://www.tbesspringfield.org/ e http://www.freewebs.com/tbescusy/ e ELMAN; GIRAL 2001, p.84-87	
Hebrew Congregation - Baltimore	Baltimore, Maryland	EUA	1953	Percival Goodman	ELMAN; GIRAL, 2001, p.73-75	
Templo Mount Zion	St. Paul, Minnesota	EUA	1954	Eric Mendelsohn	http://www.mzion.org/ e http://www.btr-architects.com/Mountziontemple.htm	
Templo Emanuel	Grand Rapids, Michigan	EUA	1954	Eric Mendelsohn	http://templemanuelgr.org	
Temple Beth El	Providence, Rhode Island	EUA	1954	Percival Goodman	GRUBER, 2003. p. 95 e ELMAN; GIRAL, 2001, p.78-80	
Temple Beth El	Gary, Indiana	EUA	1954	Percival Goodman	ELMAN; GIRAL, 2001, p.89-91	
Congregation Kneses Tifereth Israel	Port Chester, NY	EUA	1956	Philip Johnson	GRUBER, 2003. p. 110	
Temple Beth Sholom	Miami Beach, FL	EUA	1956	Percival Goodman	GRUBER, 2003. p. 100	
Beth Sholom Synagogue	Elkins Park, PE	EUA	1957	Frank Lloyd Wright	GRUBER, 2003. p.105 e RILEY, REED, 1994 e http://www.utexas.edu/features/2005/wright/index.html	
Sinagoga do Campus Givat Ram - Univ. Hebraica	Jerusalém	Israel	1957	David Reznik e Heinz Rau	DEKEL-CASPI, 2005. p. 45	
Sinagoga Etz Chaim - CIP	São Paulo, SP	Brasil	1957	Henrique Mindlin	SPITZCOVSKI, 2004, p. 72	
Sinagoga B'nai Israel	Bridgeport, Connecticut	EUA	1958	Percival Goodman	http://www.congregationbnaisrael.org/	
Sinagoga Loop	Chicago, IL	EUA	1958	Loebl, Scholossman & Bennett	GRUBER, 2003. p. 121	
Centro Ebreo de Guatemala	Cidade da Guatemala	Guatemala	1958	Felix Candela	www.comunidadjudia.com	
Sinagoga da Fasanenstrasse	Berlin	Alemanha	1959	Dieter Knoblauch & Heinz Heise	MEEK, 1996, p. 224	
Sinagoga Ruhrallee	Essen	Alemanha	1959	Dieter Knoblauch & Heinz Heise	KRINSKY, 1996. p.289	
Temple Oheb Shalom	Baltimore, MA	EUA	1960	Walter Gropius	GRUBER, 2003. p. 128	
Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov	São Paulo, SP	Brasil	1961	Nelson Besandon	SPITZCOVSKI, 2004, p.184	
Sinagoga da Associação Religiosa Israelita do RJ	Rio de Janeiro, RJ	Brasil	1962	Henrique Mindlin	www.arirj.com.br e SPITZCOVSKI, 2004, p.107	
Temple B'rith Kodesh	Rochester, NY	EUA	1962	Pietro Belluschi	GRUBER, 2003. p. 122	
Sinagoga de Livorno	Livorno	Itália	1962	Angelo di Castro	KRINSKY, 1996. p.355 e http://www.yu.edu/faculty/cwilich/newpage11.htm	
Temple Sinai	El Paso, TE	EUA	1962	Sidney Eisenshtat	GRUBER, 2003. p. 134	
Sinagoga no Hospital Hadassah	Jerusalém	Israel	1962	Joseph Neufeld	http://www.jerusalem.muni.il	vitrais de Chagall
Congregation Sha'arey Zedek	Detroit, Michigan	EUA	1963	Percival Goodman	ELMAN; GIRAL, 2001, p.95-99	
Temple Beth El	Rochester, NY	EUA	1963	Percival Goodman	http://www.tberochester.org/ e ELMAN; GIRAL, 2001, p.100-106	
Congregation Sons of Israel	Lakewood, NJ	EUA	1963	Davis, Brody & Wisniewski	GRUBER, 2003. p. 158	
North Shore Congregation Israel	Glencoe, IL	EUA	1964	Minoru Yamasaki	GRUBER, 2003. p. 140	
Sinagoga de Belfast	Belfast	Irlanda	1964	York, Rosemberg, Mardall	MEEK, 1996. p. 227 e KRINSKY, 1996. p.409	
Sinagoga Finchley United	Londres	Inglaterra	1967	Downton & Hurst	KRINSKY, 1996. p.423	
Temple Beth Zion	Buffalo, NY	EUA	1967	Harrison & Abramovich	GRUBER, 2003. p. 151	
Sinagoga Ohel Aharon - Technion	Haifa	Israel	1969	Aharon Kashtan	SACHS, VOOLEN, 2005, p.35	
Temple Brith Sholom	Cortland, NY	EUA	1969	Werner Seligmann	GRUBER, 2003. p. 164	
Sinagoga Gumenick	Miami, FL	EUA	1969	Kenneth Triester	GRUBER, 2003. p. 169	
Sinagoga da Academia Militar em Mitzpeh Ramon	Negev	Israel	1971	Zvi Hecker	SACHS, VOOLEN, 2005, p.31	
Temple Beth El	Chapagqua, NY	EUA	1972	Louis I. Kahn	http://www.design.upenn.edu/archives/archives/collection_a-z.htm	
Sinagoga Mikveh Israel	Philadelphia, PA	EUA	1972	Louis I. Kahn	http://www.design.upenn.edu/archives/archives/collection_a-z.htm	não construído
Temple Beth El	Bloomfield Township, Michi	EUA	1974	Minoru Yamasaki	www.yamasakinc.com	
Sinagoga Hurva	Jerusalém	Israel	1974	Louis I. Kahn	SACHS, VOOLEN, 2005, p.35	não construído

Sinagoga no Monte Scopus	Jerusalém	Israel	1983	Ram Karmi	foto do autor, janeiro 2005 e http://www.jewishstseeing.com/israel/jerusalem/hebrew_univ/19990507-hebrew_univ_hecht.htm	
Sinagoga de Darmstadt	Darmstadt	Alemanha	1988	Alfred Jacoby	catálogo expo "Em Um Novo Espírito"	
Jewish Center of the Hamptons (Gates of the Grove)	East Hampton, NY	EUA	1989	Norman Jaffe	GRUBER, 2003. p. 184	
Sinagoga de Heidelberg	Heidelberg	Alemanha	1994	Alfred Jacoby	catálogo expo "Em Um Novo Espírito"	
Sinagoga de Aachen	Aachen	Alemanha	1995	Alfred Jacoby	catálogo expo "Em Um Novo Espírito"	
Sinagoga Kol Ami	Scottsdale, AR	EUA	1995	Will Bruder	GRUBER, 2003. p. 196	
Sinagoga de Dresden	Dresden	Alemanha	1996	Wandel, Hoefel, Lorch e Hirsch	RICHARDSON, 2004. p.176	
Temple Israel	Greenfield, MA	EUA	1996	Louis Goodman	GRUBER, 2003. p. 206	
Sinagoga Cymbalista	Tel Aviv	Israel	1997	Mario Botta	PELLANDINI, 2001 e fotos realizadas por Sergio Ekerman - jan 2005	
Sinagoga de Offenbach	Offenbach	Alemanha	1997	Alfred Jacoby	catálogo expo "Em Um Novo Espírito"	
Centro Cultural Judaico e Sinagoga	Duisburg	Alemanha	1999	Zvi Hecker	RICHARDSON, 2004. p.34 e www.kunstdose.de	
North Shore Hebrew Academy Society	Kings Point, NY	EUA	1999	Alexander Gorlin	GRUBER, 2003. p. 211	
Sinagoga Mishkan	Buenos Aires	Argentina	1999	Grinberg, Dwek e Iglesias + Sartorio	http://www.summamas.com/ind51.htm	
Sinagoga de Kassel	Kassel	Alemanha	2000	Alfred Jacoby	RICHARDSON, 2004. p.102 e catálogo expo "Em Um Novo Espírito"	
Sinagoga Hampton	Westhampton, NY	EUA	2000	Edward Jacobs	GRUBER, 2003. p. 201	
Sinagoga da Congregação Agudas Achim	Austin, TE	EUA	2001	Lake/Flato	GRUBER, 2003. p. 221	
Sinagoga de Chemnitz	Chemnitz	Alemanha	2002	Alfred Jacoby	RICHARDSON, 2004. p.52 e catálogo expo "Em Um Novo Espírito"	
Sinagoga de Colônia	Colônia	Alemanha	2003	Alfred Jacoby	catálogo expo "Em Um Novo Espírito"	
Sinagoga do Yad Vashem	Jerusalém	Israel	2004	Moshe Safdie	Revista SHALOM, nº 416 - Vol. VIII - 23/04/06 e www1.yadvashem.org/new_museum/The_Synagogue.html	
Sinagoga Amijai	Buenos Aires	Argentina	2004	José Urgell, Augusto Penedo e Juan Urgell	revista Amijai. Ano 12, nº15, set. 2004 e www.urgell-penedo-urgell.com	
Sinagoga Bait	São Paulo, SP	Brasil	2005	Michel Gorski	fotos do autor, maio 2007	
Sinagoga Amsterdam - nova	Amsterdam	Holanda	2006	SeARCH	Architectural Review, dez/2006 - unifacs www.searcharchitects.nl	ainda não construído
Sinagoga de Munique	Munique	Alemanha	2006	Wandel, Hoefel, Lorch e Hirsch	www.dw-world.de e www.morasha.com.br e www.germany.info e morashá abril 2007	
Sinagoga Shalom	São Paulo, SP	Brasil	2007	Brasil Arquitetura	http://www.shalom.org.br/ e Brasil Arquitetura	ainda não construído
Sinagoga Bait Jadash	Montevideu	Uruguai	2007	Mario Blechman, Javier Olascoaga e Andrés Souto	Fonte: http://www.nciuruguay.org/baitjadash/	ainda não construído
Sinagoga Ramat Shalom	Cidade do México	México	?	Abraham Zabludovsky e Teodoro González	Finestra, vol. 6, nº 24, jan/fev/mar 2001	

ANEXO 2

Glossário

ADONAI: Literalmente, "Senhor". Usado para se referir a Deus, que é escrito com as letras hebraicas *yud, heh, vav e heh*, e cuja pronúncia correta é proibida aos judeus.

ALIAH: "Subida"; usado para descrever o ato de ir até a Torah a fim de ler publicamente um trecho dela. Também usado para descrever a emigração para Israel.

ARON HA-KODESH: Arca Sagrada onde são guardados na sinagoga os rolos da Torah.

ASHKENAZITA: Derivado do termo Ashkenaz, palavra do Hebraico usada na Idade Média que significa "alemão". Atualmente é um termo utilizado para descrever os judeus originários da Europa Central e Oriental.

BAR MITZVAH: "Filho do Mandamento"; menino judeu que completou treze anos, atingindo a maioridade religiosa.

BAT MITZVAH: "Filha do Mandamento"; menina judia que atinge sua maioridade religiosa, aos 12 anos de idade.

BEIT DIN: Corte ou tribunal rabínico, composto por três homens.

BET HA-KNESSET: "Casa da congregação"; sinagoga.

BET HA-MIDRASH: "Casa de estudo"; sinagoga.

BET HAMIKDASH: O Templo sagrado de Jerusalém.

BET HA-TEFILAH: "Casa de oração"; sinagoga.

BEN: Filho; filho de.

BIMAH: Plataforma ou mesa numa sinagoga de onde se lêem os rolos da Torah.

BRIT MILAH: "Pacto da Circuncisão".

CABALA: Vertente mística do judaísmo.

CHANUKAH: "Dedicação"; festa de oito dias nos quais é comemorada a vitória da resistência judaica às tropas greco-sírias.

CHAZAN: Aquele que canta a música litúrgica ou dirige a prece na sinagoga.

CHUPAH: Armação ornamental usada na cerimônia de casamento.

*Os termos são apresentados no seu formato transliterado do hebraico para o português. Nesse caso, o *CH* se pronuncia como um *H* gutural.

COHEN: Sacerdote judeu; descendente de Aarão.

ÊXODO: Saída dos judeus do Egito.

HAFTARAH: "Passagem final"; passagem dos Profetas lida na sinagoga após a leitura da Torah.

HALACHAH: Compêndio das leis judaicas.

IESHIVÁ: Escola para estudos avançados da Torah e do Talmud.

ÍDICHE: Língua germânica falada pelos judeus originários da Europa central e oriental.

IOM KIPUR: "Dia do Perdão"; o décimo dia do Ano Novo, o dia mais sagrado do calendário judaico, marcado pelo jejum.

KASHER: Apropriado para o uso; no caso de alimento, permitido para consumo dentro das leis judaicas de Kashrut.

KIPAH: Solidéu; gorro usado pelos homens para cobrir a cabeça, de acordo com os preceitos judaicos.

LADINO: Dialeto sefaradita que mescla o castelhano e o hebraico.

MAGUEN DAVID: Estrela de David.

MATZAH: Pão ázimo, feito apenas com farinha e água; utilizado na festa de Pesach.

MENORAH: Candelabro de sete braços, obrigatoriamente presente na sinagoga como homenagem aos candelabros do Tabernáculo e do Templo de Jerusalém.

MECHITZAH: Divisão entre homens e mulheres dentro da sinagoga.

MEZUZAH: Pequeno rolo de pergaminho com texto sagrado e que é colocado dentro de uma caixinha e pregado nos umbrais de portas de lares e estabelecimentos judaicos.

MICVÊ: Piscina ou banheira para banho ritual de purificação.

MINIAN: Quorum religioso para serviços na sinagoga, que requer ao menos dez homens, a partir de 13 anos de idade.

MISHNÁ: Codificação da Lei Oral Judaica, que forma a base do Talmud.

MITZVAH: "Mandamento"; dever religioso prescrito pela lei judaica. Num sentido mais amplo, qualquer boa ação.

NER TAMID: "Luz Eterna"; Deve arder permanentemente acima da Arca Sagrada numa sinagoga, com a intenção de lembrar aos presentes a respeito da onipresença de Deus.

PESSACH: "Passar por cima"; festa que comemora o Êxodo.

POGROM: Destruição de propriedades e matança de judeus na Europa oriental, sobretudo no período czarista.

RABINO: Pessoa que estudou e aprofundou-se nas leis judaicas e formou-se recebendo sua "smichá", o diploma.

SEFARADITA: Descendente dos judeus originários da Península Ibérica, que se espalharam pelo mundo após a expulsão da Espanha em 1492.

SHABAT: Sétimo dia da semana, que começa no anoitecer da sexta-feira; é o dia sagrado de repouso.

SHALOM: Paz. Termo usado como saudação.

SHOFAR: Chifre de animal "kasher" transformado em instrumento de sopro; é usado em alguns momentos importantes do ano judaico, como ao final de Yom Kipur.

SINAI: Local escolhido por Deus para a outorga da Torah.

TALIT: Xale de orações; manto retangular usado pelos homens, geralmente branco com listras azuis ou pretas com franjas nas duas extremidades.

TALMUD: "Estudo"; compilado na Babilônia e em Jerusalém, contém comentários e interpretações rabínicas sobre a Lei Oral, baseando na "Mishnah". É considerada uma das maiores obras judaicas e foi quase toda escrita em aramaico.

TORAH: Os cinco livros de Moisés. Num sentido mais amplo, o conjunto da literatura sagrada e dos ensinamentos judaicos.